



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura

Antônio Joaquim de Carvalho
Galateia



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Galateia

Antônio Joaquim de Carvalho

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1789.

Livro Digital nº 1086 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

Poesia/Teatro - Literatura Portuguesa.

Antônio Joaquim de Carvalho
(?)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

GALATEIA

ÉGLOGA



AO LEITOR

Esta primeira Égloga, há 16 anos impressa, agora faço-a reimprimir, para tirar-lhe as lisonjeiras Cartas, para emendar-lhe algumas passagens com melhor escolha, para curar-lhe alguns vícios gerados por aqueles, que duas vezes a reimprimirão, a pesar do meu gosto, e para ligar ambas as Partes, porque a primeira dá a matéria para a segunda.

Se me increparem, porque faço domável o Gigante Polifemo, contra a opinião dos melhores Poetas, respondo: É verdade, que a Fábula nos mostra este Ciclope um monstro de crueldade, de extraordinárias forças, e destemido: um tragador de seis companheiros de Ulisses, e dele mesmo o seria, se astucioso não lhe fugisse: um soberbo enfim, que declamava, que nem ao mesmo Júpiter temia; mas pergunto: Este Gigante era humano, ou não? Todos me dirão, que sim. Pois se era humano, era sujeito ao império da Razão, com cujas armas o ataco, e o venço: e só seria inverossímil, se eu com a razão acomettesse um Tigre, um Leão, uma Serpente. Se os mais não pisaram esta estrada, porque não quiseram, piso-a eu, porque quero, e porque posso, sem atropelar a verossimilhança.

Se altero o caráter da Égloga; se me aparto da simplicidade pastoril; se faço inflamar Polifemo, e respirar vingança, é porque eu não pinto um daqueles Pastores do Século de ouro, em que reinava a mansidão, e o sossego de espírito; pinto um Ciclope, um Pastor ferino, que abrasado no ciúme, e na ira, deu bárbara morte ao mancebo Ácis, lançando-lhe em cima um penhasco: catástrofe, que eu não pinto, por não fazer uma Égloga com espírito de Tragédia.

Eu tive a fortuna, de que alguns homens (discretos homens!) dissessem, que não era minha a minha Égloga Deploratória intitulada *Josino* na chorada morte do Príncipe o Senhor D. José. Eu

serei feliz, se agora tiver a mesma fortuna, porque se esses contrastes duvidarem de ser minha esta obra, boa será ela pela sua avaliação. Esses, que duvidam, examinem, busquem, descubram o legítimo Autor, e o mostrem para glória sua, e descrédito meu. Conheça o mundo o homem virtuoso, o homem raro, que se cansou naquela composição, para renunciar em mim a posse, o lucro, e o crédito dela. E se eu a furtei, onde estás homem roubado, que não acodes ao teu cabedal, sabendo, que em meu poder existe? Denuncia-me; clama justiça contra mim. Ah! Ninguém fala? Ninguém me acusa? Pois acuso-me eu, mas é da temeridade de empreender a guerra sem ter armas: de querer lugar na República das Letras sem ser Cidadão de Atenas: de fazer Versos sem beber da Castália, sem socorro das Musas, sem conhecer Apolo. Os Versos (toscos Versos) que há trinta anos escrevo, são os denunciantes, as testemunhas, e os Juízes do meu crime. Acusem-me, como eu me acuso deste delito; porém não de roubador, ofício infame, que não cabe em almas honradas; mas se os críticos me arguirem pelos pobres, insulsos Versos, devem igualmente atender em minha defesa, que estes se não tem mel, também não tem veneno; se não deleitam, também não ferem. Isto suposto, façam-me Justiça.

PRIMEIRA PARTE

INTERLOCUTORES

POLIFEMO

LAURINDO

POLIFEMO

Ah! Campos, campos meus! Vós, que algum dia
Me servíeis de amável companhia:
Vós, que os ouvidos dáveis ao meu canto,
Prestai-mos hoje, para ouvir meu pranto;
Se bem, que assaz me custa magoar-vos,
Depois de com meu canto deleitar-vos;
Mas eu adoçarei a vossa mágoa,
Dando-vos de meus olhos rios de água:
Com ela florescei para os viventes,
E à custa do meu mal vivei contentes,
Que eu não vos lograrei, não; nem já gora
A minha morte pode ter demora;
Os Céus a mandem, que em tormentos fortes
Uma morte é melhor, que muitas mortes.
Ah! Campos, se vós fosseis animados,
E ponderásseis bem os meus cuidados,
De mim aprenderíeis, que a ventura,
Ao que nasceu feliz, é que procura:
E Aquele, que nasceu já desgraçado,
Sempre lhe foge com semblante irado.
Mas quem é, que este monte vem subindo?
Pelo traje é Pastor: sim, é Laurindo,
Que talvez magoado de escutar-me,
Quer meios procurar de consolar-me:
Em vão, em vão se cansa, se o intenta;

Que em vez de alívio dar-me, a dor me aumenta.

Agora mais me vejo impaciente,
Que até me aflige a vista de um vivente:
Mas ele vem, não posso resistir-lhe,
Já não posso esconder-me, nem fugir-lhe;
Se fujo desta parte, é ribanceira,
Se daquela, me afogo na ribeira;
Pois nela acabarei, morrer não temo;
De uma só morte acabe Polifemo.

LAURINDO

Detém-te, amigo, e espera, que fazias?
A ti mesmo matar-te pretendias?
Seres contigo mesmo ímpio tirano,
Para um dano evitar com maior dano!

POLIFEMO

Deixa, deixa, que eu morra por piedade,
Porque morrendo, evito a crueldade
Dos ímpios Deuses: ah! Viver não quero,
Pois vida tão penosa não tolero:
Tu contarás à falsa Galateia,
Que por ela me expus à morte feia;
Porém no peito o coração me estala,
Vendo, que Ácis tirano há de lográ-la:
Mas logre-a, logre-a, embora, oh que tormento!
Que eu só, por tal não ver, morrer intento.

LAURINDO

Sossega, amigo, queres dessa sorte
Dar a vida, por quem te causa a morte?
Queres vingar-te dela sossegado?
Desprezou-te, despreza-a: estás vingado.

POLIFEMO

Desprezar Galateia, e ofendê-la
Quando só morrer por ela!

Isso não, que depois de eu adorá-la,
Valor não tenho para maltratá-la:
Ela pratique embora a crueldade,
Que eu não devo imitar-lhe a impiedade.

LAURINDO

Conheces, que te ofende essa perjura,
E inda morres por ela? Oh que loucura!

POLIFEMO

Sim, amigo, traidora a considero;
Mas quis-lhe bem: querer-lhe mal não quero.
Eu não lhe amo o rigor, sim a beleza,
Que é parto singular da natureza:
Tu, que a conheces, vê, se razão tenho
Para adorá-la com tão grande empenho:
O lindo rosto, aqueles olhos belos,
Tão matadores, que em chegando a vê-los,
Parece, que do rosto lhe saltavam,
E que para não vê-los me cegavam.
As loiras tranças, bem como doiradas,
Sobre seus alvos ombros espalhadas.
Se as costas me voltava por desprezo,
Como que a elas me levava prezo:
Nas lindas faces se me figuravam
Duas papoilas, que entre a neve estavam.
A boca, que em conceitos sempre acerta,
Parecia uma rosa meia aberta;
Mas quando grave, e graciosa ria,
Oh quanto então mais bela parecia!
Mostrando os claros dentes, que esmaltavam
Seus beijos, que de nácar se formavam;
E com a força do riso as faces belas
Duas covas faziam como estrelas.
As mãos por engraçadas, e pequenas
Pareciam formosas açucenas.
Mil vezes quis beijar-lhas; porém ela,

Que o dano prevenia na cautela,
Escondendo-as, de mim mais se afastava,
Que até nisto ser casta bem mostrava.
Estas belezas, esta honestidade
Foram prisões da minha liberdade,
E quanto as lindas mãos mais me negava,
Tanto as doces prisões mais me apertava;
Mas nenhuma sesta vi, que ela dormia
Junto do pote, que na fonte enchia:
Vou-me pé ante pé, e indo a beijar-lhas,
Me arrependi, porque temi manchar-lhas.
Nem só para pegar-lhes valor tinha,
Porque mão tão grosseira, como a minha,
Não devia tocar aquela neve,
Que só com outra igual tocar-se deve;
Mas imóvel fiquei, pois só gostava
De ver a bela ação, em que ela estava.
O branco rosto sobre o curvo braço,
Outra mão também curva no regaço:
O corpo reclinado sobre a fonte,
E a curta sombra, que lhe dava o monte,
Só metade do rosto lhe cobria,
Que muito mais formosa inda a fazia.
Eu, que só me detinha em admirá-la,
Sem que tivesse intento de acordá-la;
Como de gosto estava arrebatado,
Sem que eu sentisse, cai me o cajado:
Dá-lhe nos pés: acorda ela assustada,
Vê-me, levanta-se, e com voz irada
Me diz: "Vil, só comigo! Que fazias?
"Dize: acaso ofender-me pretendias?
"Se por gigante intentas de vencer-me,
"Matar-me poderás, mas não render-me:
"Que a minha honestidade é tão constante,
"Que não cede à violência de um gigante.
Não, (eu lhe respondi) não te ofendia:
Nem de ti outra coisa pretendia,

Mais do que ao menos, pois te não lograva,
Ver-te: e só com te ver me contentava.
Se nisto te ofendi, ou me desculpa,
Ou me castiga, se me achares culpa:
Que se eu da tua mão for castigado,
Serei ditoso, se antes desgraçado.
Mas dize-me, cruel, se me estimaste,
Por que razão sem culpa me deixaste?
E se indigno me achavas para amante,
Por que juraste de me ser constante?
Que resposta daria a fementida?
"Vai-te louco, (me diz) que aborrecida
"Até de ouvir-te estou, nem posso dar-te
"Outra razão maior de desprezar-te,
"Senão, que as Leis de Amor já não tolero:
"Amei-te, em quanto quis, hoje não quero.
"Enfim, tu não és do meu agrado:
"Basta: vai-te, que estás desenganado.
E com este rigor aquela ímpia
Foge: chamo-a, mais ela me fugia:
Eu vendo a ir tão bela, quanto irada,
Corpo gentil, cintura delicada,
Aflito exclamo: Ah! Desumana fera!
Nunca te eu vira, ou nunca te perdera.

LAURINDO

Ainda louvas a ingrata por formosa,
Quando enorme se fez, sendo aleivosa?
Polifemo, se queres ser discreto,
Não recordes a ofensa, nem o afeto:
Que o afeto também o tempo o gasta,
E a ofensa é parto de uma louca, basta
Que à razão nunca os olhos tem abertos,
E sem luz que fará? Mil desacertos:
Por isso àquele, que extremoso a trata,
A paga, que lhe dá, é ser-lhe ingrata.
Bem como o bravo lobo carniceiro,

Que vê, que a inocência de um cordeiro
Não pede entranhas ter para agravá-lo,
Por isso mesmo quer despedaçá-lo;
Mas se este acha um rafeiro, que o extingue,
Também ela achará quem bem te vingue:
E no entanto o melhor é esquecer-la,
E se possível for, nunca mais vela.

POLIFEMO

Também deixar de a ver é impossível,
Porque sem vela, a dor mais insofrível
Creio, que dentro n'alma padecesse,
Como a flor, que sem Sol murcha, e não cresce.
Ah! Se eu agora a visse, e lhe falasse,
Talvez que a meus gemidos se abrandasse:
E pode ser, que a achasse arrependida
De perder, quem por ela perde a vida.
Oh quão feliz seria a minha sorte,
Se ela abrandasse aquele gênio forte!
Do desprezo, e de afronta eu me esquecera,
Se um riso, se um sinal de amor me dera.
Tudo, tudo por ela perderia:
Sem gado, sem choupana ficaria:
Sujeitar-me-ia pelos seus amores
A viver das esmolas dos Pastores:
Pois sem lográ-la, tudo me é penoso,
E logrando-a, sou pobre; mas ditoso.

LAURINDO

Se amas com tanto extremo a uma traidora,
Que mais fizeras, se fiel te fora?

POLIFEMO

Esta alma, que me anima, se pudesse,
Creio, que em paga desse amor lha desse,
Amando-te, era justo premiá-la;
Mas desprezando-te, é loucura amá-la:

Sim, que o homem não mostra ser discreto
Amando a falsa, que tem outro objeto:
Pois daqui nasce a mancha da desonra,
E antes se perca a vida, do que a honra.
Que se havia dizer na nossa Aldeia,
Se depois dessa ingrata Galateia
Por outro te deixar, tu a buscasses,
Esquecido de afronta inda a estimasses?
E não tremias, não te envergonhavas
De dizerem, que a honra desprezavas?
Ah! Querias do amor ser arrastado,
Perdendo a fama, e crédito de honrado?
Dize, responde, a fala não escondas;
Mas ou me vence, ou nada me respondas.

POLIFEMO

Nada responderei por defender-me,
Pois por sábio chegaste a convencer-me:
Se a paixão me cobriu de escuridade,
Tu me mostraste as luzes da verdade:
Agora já conheço, que essa ímpia
Mais fera, que o dragão, que o monte cria,
Nem amor, nem piedade já merece,
Pois por outro me deixa; e assim se esquece
Da fé, que me jurou, e da lealdade,
Com que sempre a tratei; que a falsidade
Não podia caber nenhum peito amante,
Que ainda ofendido mostra ser constante.
Eu, que até às Pastoras, quando as via,
Nem ainda, o Céu vos guarde, lhes dizia:
E se acaso de longe as avistava,
Por lhes fugir, a estrada rodeava.
Tudo isto por fineza àquela infame,
Que, só tão feio nome, é bem lhe chame;
Por que a saber, que às outras eu falava,
Não julgasse, que alguma me agradava;
Porém que prêmio vim a tirar disto?

Sabes o quê? Com todos ser malquisto:
Desprezarem-me todos, ver-me agora
Aqui só, sem amigos, nem Pastora:
E a falsa, tanto extremo desprezando,
Amar outro, e ficar de mim zombando!
E sofro tal injúria sem vingar-me!
Poderei sossegar sem despicar-me!
Não, não sossegarei, que um peito irado
Sossega só depois de estar vingado.
Sim, vou já despicar-me... Mas que intento!
Que faço! Aonde vou! Que pensamento
É este, que me ocorre! Oh quanto errado
Gira o discurso de paixão cercado!
Eu matar Galateia! Oh que vileza!
Naquela rara imagem da beleza
Descarregar o golpe penetrante!
E haviam ver meus olhos nesse instante
Aquele brando peito traspassado!
O rosto, bem qual Sol quando eclipsado!
E os olhos, que daquele Sol são raios,
Perdendo a luz na sombra dos desmaios!
Aquelas lindas faces tão coradas
Eu poderia velas desmaiadas!
A boca rubicunda, e graciosa,
Bem qual entre jasmins a linda rosa,
Eu teria valor, teria vida,
Para vela sem graça amortecida!
E haviam escutar-lhe os meus ouvidos
O pranto, os ais, e os últimos gemidos:
Já com trêmula voz, e a cada instante
Vela convulsa, aflita, e delirante,
Sem alento, sem cor desfalecida,
Dando um suspiro, e acabando a vida!
Oh Céus! Que horror concebo em ponderá-lo!
Eu tremo, gelo-me, e de dor estalo:
Que coração tão bárbaro haveria,
Que obrasse tão enorme tirania?

Eu teria valor, se a ofendesse,
Para vela morrer, sem que eu morresse?
Não, não teria tanta impiedade,
Que vendo cair morta uma Deidade,
Não me saísse deste insano peito?
O duro coração de dor desfeito.
Nem mais contemplar quero tal desgraça,
Que parece, que o Céu já me ameaça,
Que a terra vejo abrir, que já comigo
Se abate, e me confunde por castigo.
Ah! Minha Galateia, vive embora,
Bem que me sejas infiel, traidora:
Ainda te amo, se bem, que o não mereças;
Eu padeça, mas sem que tu padeças:
Vive feliz, e logra o teu amante:
Oh justos Céus, que dor tão penetrante!
Mal posso respirar, que até o alento
Me sufoca a violência do tormento.
Vai-te, amigo, e me deixa só um pouco,
Que eu não estou em mim, eu estou louco:
Oh! Venha embora a morte rigorosa
Acabar-me esta vida tão penosa.

LAURINDO

Deixa, amigo, esse louco desvario,
Que o ser de homem deslustra, ofende o brio:
E que o mundo dissesse pretendias,
Que por uma mulher enlouquecias?

POLIFEMO

Também dirá, que não me altera a ofensa,
Pois tolero a inimiga na presença.

LAURINDO

Perdoando-lhe tu por generoso,
Que há de o Mundo dizer? Que és virtuoso.
Mas se a fraca mulher ímpio punias,

Só de cobarde o nome vil terias.

POLIFEMO

Sim, perdoada está: eu lhe perdoo,
Pois da sua fraqueza me condoo;
Também, porque talvez seja inocente,
Se bem que a culpa a acuse delinquente;
Galateia é honesta, é recatada:
Pois quem duvida fosse requestada
Daquele Ácis traidor, e que a enganasse
Com vãs promessas, para que o amasse?

LAURINDO

Pensas bem que a mulher de honesto estado,
Se dá seu coração, sempre é rogado;
Se bem que o rogo algumas não convence;
Mas a feia ambição a muitas vence.

POLIFEMO

Sim? Pois hoje verás, que a minha ira
Só contra aquele infame se conspira:
Ele, por me arrancar de amor a palma,
Me roubou a doce alma da minha alma,
Vista dos olhos meus, bem como estrela,
Que luz me dava, para poder vê-la.
Clara luz, doce vida, alma preciosa,
Tudo perdi. Oh cena lastimosa!
Tudo o vil me roubou; porém protesto
Fazer o seu castigo manifesto
Ao Céu, à terra, a todos os viventes:
Ele me ofende, as culpas são patentes;
Pois o próprio delito é, que o condena,
A que segundo a culpa, sinta a pena.

LAURINDO

Queres que a morte de Ácis justifique
Uma cega paixão, um vil despique?

POLIFEMO

Quero, porque da injúria se não gabe,
Que o próprio sangue a sua culpa lave:
E se neste lugar já o apanhara,
O coração do peito lhe arrancara.

LAURINDO

Dize: se a Galateia perdoaste,
Depois que a culpa enorme lhe provaste,
O Pastor, que é talvez menos culpado,
Por que não é, como ela, perdoado?

POLIFEMO

Ela sim: me ofendeu; mas obrigada,
E merece perdão por violentada;
Mas ele não é digno de clemência,
Pois mais culpado está pela violência.

LAURINDO

Aqui não há violência, há certa culpa,
Que Amor condena, e logo Amor desculpa,
Delito imensas vezes praticado
Por quem ama, e pretende ser amado.

POLIFEMO

Assim se obra; mas sempre é falsidade,
Quando ofende as leis santas de amizade.

LAURINDO

É mau quebrar a Lei; mas que te espanta,
Se ela te jurou fé, e a fé quebranta?
Polifemo, discorre mais prudente;
Vence-te a ti, se queres ser valente:
Eu teu amigo sou, eu sou mais velho,
Tu, que és mais moço, toma o meu conselho
No falso Amor não faças confiança:

Desterra a ira, foge da vingança,
Que esta inquieta, aquela te amofina:
De qualquer delas sempre vem ruína.
Males, que tu não queres suportá-los,
Não debes para os outros desejá-los,
Que às vezes são, qual pedra despedida,
Que no mesmo que a deita, abre a ferida:
Queres a morte de Ácis? Não ponderas,
Que pode em ti cair, se nele a esperas?
Teme o Céu vingador, teme-lhe a ira:
O Céu, que a vida dá, só ele a tira:
Só ele sobre as vidas tem domínio,
E não debes opor-te ao seu desígnio;
Nem ao menos vingar-te levemente
Poderás, sem que fiques delinquente.
Olha, que para Júpiter Supremo
É menos, que um mosquito, um Polifemo.
À voz só do seu raio penetrante
Treme de susto a rocha mais constante.
Foge, foge de o veres irritado,
E não faças, que a mão levante irado.
Ah! Já, mudas de cor, tremes, e pensas?
Pois a ti mesmo, espero, te convenças.

POLIFEMO

Tremo de confusão, e de mim tremo;
Os castigos do Céu Respeito, e temo;
Mas o afeto, a paixão, a honra, a ofensa
Não me deixam ação, em que eu me vença:
Vejo a justa razão, quero segui-la;
Mas a paixão vem logo a destruí-la:
Que este meu coração nunca descansa
De chamar-me ao caminho da vingança.

LAURINDO

Qualquer paixão, qualquer impaciência
Se vence com discurso, e com prudência.

POLIFEMO

Tão desgraçado sou, que neste empenho
Nem já discurso, nem prudência tenho:
Quem viu tão enredado labirinto
Como este, que na ideia, e n'alma sinto!
Deuses, se justos sois, ou dai-me a morte,
Ou me livrai de confusão tão forte;
Eu se vingar-me vou, me precipito;
Porque aos Deuses ofende o meu delito:
Se assento em perdoar, não persevero,
Porque em vendo o ofensor, logo me altero;
Porém um novo meio já me ocorre:
Melhor acerta, quem melhor discorre.
Eu não quero incitar ao Céu clemente,
Mas para não vingar-me do insolente,
Eu fugirei de o ver, que ao vê-lo, logo
A cinza quente exalaria fogo.
Deixarei estes monte, estes prados,
Que a verdura me davam para os gados:
Irei viver nas mais ocultas brenhas,
Onde gente não veja, mas só penhas:
Da vingança, e de afronta assim me privo,
E ninguém sabe se sou morto ou vivo.

LAURINDO

Resolves bem, amigo; sim, é justo
Fugires do perigo a todo o custo;
Porque busca a desgraça todo aquele,
Que vendo o dano, não se aparta dele:
Perca-se a Pátria, perca-se a fazenda,
Perca-se tudo, e nunca o Céu se ofenda.
Tu sim perdes lavouras, e o serrado;
Mas o Céu, que esses bens te havia dado,
Te dará novos campos mais extensos,
Donde possas colher frutos imensos:
Quem perder pelo Céu, fique esperando,

Que em vez da perda, ficará lucrando:
Se a tua choça perdes, caro amigo,
A minha é grande, viverás comigo:
Para a tua lavoira dar-te-ei terra
Da campina, que tenho, além da serra;
Dar-te-ei duas palmeiras mui frondosas,
Donde colhas as tâmaras gostosas:
Dar-te-ei duas formosas aveleiras,
Tortas cepas, viçosas oliveiras:
E do mais fruto, que o Céu der, pendente
Repartiremos ambos irmãmente.
Para o gado lá tens viçosa relva,
Lá tens para o recreio a linda selva,
Onde acharás um bosque mui sombrio,
De uma parte arvoredos, doutra um rio:
Ali se ouvem os pássaros cantando,
Ali se escuta o rio murmurando,
Nele andam de contínuo os pescadores,
Nele pescam também alguns Pastores
O saboroso peixe à longa cana,
Ou com o iscado anzol, que mais o engana:
Enfim, é campo ameno, é delectável,
Frutuosa a terra, o clima saudável:
Lá viverás, amigo, descansado,
Sem ver a causa do mortal cuidado:
Pois naquela distância por extensa
Não vês o ofensor, nem vês a ofensa.

POLIFEMO

Discreto amigo, amigo verdadeiro,
Tu fostes dos humanos o primeiro,
Que me soube vencer: eu que algum dia
Nem a razão, nem Deuses conhecia,
Hoje a razão abraço, os Deuses temo;
Tu me fizeste um novo Polifemo.

LAURINDO

Convence-te a razão, porque és humano,
Que a razão só não doma o bruto insano.

POLIFEMO

Oh grande, oh raro exemplo de amizade!
Oh coração, gerado de piedade!
Despido de ambição, e de avareza,
Só inclinado à mísera pobreza!
Deixa, que por mostrar-me agradecido,
A teus honrados pés chegue abatido;
E esta boca, por quem serás louvado,
Beije o chão duro, dos teus pés tocado.

LAURINDO

Suspende, Polifemo, eu não pretendo
A tua gratidão, antes me ofendo,
De a meus pés te prostrares abatido,
Acatamento só ao Céu devido.

POLIFEMO

Oh quanto és digno de louvor completo,
Por liberal, humilde, e por discreto!
Aprenda o avarento ambicioso
A ser mais liberal, mais caridoso:
O que da santa, e mísera pobreza
Foge, como quem foge da vileza,
Veja, que o rico, o poderoso, o nobre
Talvez, chegue a pedir esmola ao pobre:
Esse, que as minas abre, e colhe o ouro,
Julgando a vida ter no seu tesouro,
Veja, que a vida, e ouro nenhum momento
É como o fumo, que consome o vento:
Siga os teus passos o soberbo inchado,
Que julga, que a ventura tem ao lado:
Olhe, que a seca o grosso rio esgota,

E até com vento o cedro se derrota.
Longe, longe de nós, ó vício forte,
Vício mais feio, do que a feia morte.

LAURINDO

Não terão parte em nós vícios danados,
Nem pisaram a flor dos nossos prados;
Que esta lã, que nos cobre, esta pobreza
Contra o vício nos serve de defesa.
Vamos gozar a santa paz ditosa,
Vamos colher a fruta saborosa
Da minha bela Aldeia: vem, amigo,
Que eu não me ausento, sem que vás comigo.

POLIFEMO

Vamos; mas ah Laurindo, quem diria,
Que por uma mulher, por uma ímpia
Eu havia deixar a minha Aldeia,
E ir de esmolas viver na terra alheia?
Oh triste Polifemo! Oh desgraçado!
De ti debes queixar-te, e não do fado:
Em mil exemplos o perigo viste,
Devias fugir dele, não fugiste?
Pois agora o teu erro irás pagando,
E o dano sem remédio lamentando.
Tome exemplo de mim, o que ama cego,
Julgando ter no amor todo o sossego,
Veja a minha desgraça, e tema o dano,
Que sempre nasce deste amor profano:
Não prenda a doce, amável liberdade,
Já que o Céu lhe quis dar livre a vontade:
Fuja do amor, e guarde esta doutrina,
Se quiser viver longe da ruína.
Mas ah! Nem já do amor quero lembrar-me,
Que é fácil outra vez precipitar-me.
Adeus, ó campos meus, campos amados,
Que me dáveis o fruto, e pasto aos gados:

Já não hei de ferir vossos ouvidos,
Nem já respondereis aos meus gemidos.
Adeus, ó rio meu, que me obrigavas,
Quando ao meu gado tuas águas davas;
Mas pago ficas, que essa grossa enchente
Aumenta de meus olhos a corrente.
Adeus, plácida fonte, onde algum dia
Se alegre rias, eu alegre ria;
No prazer te imitei; mas hoje aflito
Só no pranto, que verto, é que te imito.
Lembra-te, ó fonte, que a cruel Pastora,
Essa, que sem razão me foi traidora,
Por ti jurou, que essa água lhe faltasse,
Se ela de amor a pura se manchasse:
Agora deves, pois faltou perjura,
Por castigo negar-lhe essa água pura:
Como ela contra si justiça pede,
Ou procure água longe, ou morta à sede;
Mas ah! Que digo! É muita crueldade:
Não, não lhe negues água por piedade,
Tem dela compaixão, dá-lhe desculpa,
Basta só, que a castigue a própria culpa.
Adeus, ó prado ameno, as flores belas
Eu te roubei para tecer capelas:
Perdoa-me, e talvez que inda melhores,
Que à custa do meu mal terás mais flores:
E apague a minha culpa, que te agrava
Este pranto, que humilde os pés te lava.
Adeus, Pastores, doces companhias
Dos meus passados, e felizes dias;
Porém dias tão breves, quanto é breve
No Inverno a calma, no Verão a neve:
Se o meu canto aprendestes algum dia,
No tempo da ventura, e de alegria
Hoje do meu desgosto, e do meu dano
Podeis lucrar mais útil desengano,
Vendo, por breve ser minha ventura,

Quanto a glória do mundo pouco dura:
Que apenas nos faz ver um falso gosto,
Logo atrás dele vem maior desgosto.
Adeus, ó Galateia; mas que digo!
Cuidei, que tinhas inda o nome antigo;
Mas não deves ter já nome de humana,
Sendo Leão feroz, víbora insana:
Fica-te embora em paz, e só te peço
De mim te esqueças, que eu de ti me esqueço:
Sim, farei, que não tornes a lembrar-me
Para querer-te, nem para vingar-me:
E poderemos só ficar lembrados
Do exemplo, com que fomos doutrinados:
Mas vê, quanto diferem as doutrinas,
A que eu te dei, daquela, que me ensinas:
Eu te ensinei a ser fiel, constante,
Tu me ensinaste a ser falso, inconstante;
Mas nunca me seguiste a lealdade,
Nem eu soube seguir-te a falsidade;
Porém essa doutrina; inda que inútil,
Estimo-a, porque em parte me foi útil:
Se até aqui das Pastoras não fugia,
Porque a sua traição não conhecia,
Já dela fugirei desenganado,
Como quem foge do animal danado.
Longe, longe de mim, ímpias tiranas,
Ide viver com feras desumanas:
Enfim, parto a morrer: Adeus, Pastora,
Adeus, ímpia: Adeus, falsa: Adeus, traidora.

SONETO

Novo exemplo aqui tens, mísero humano,
Que incensas os Altares da vaidade,
Aqui te mostro a estrada da verdade,
Por onde ao Templo vás do desengano:
De Polifemo o lamentável dano,
De Galateia a horrenda falsidade

Te excitem a fugir da crueldade,
Que é prêmio certo desse amor tirano!
Ele consome os bens, a honra ofende,
O sossego perturba, arrisca a vida,
E o coração mais livre assalta, e rende.
Ah! Destrói essa mão fera, homicida,
Rompe os duros grilhões, com que te prende,
Quebra-lhe as setas, ficará vencida.

SEGUNDA PARTE

INTERLOCUTORES

GALATEIA

LAURINDO

ÁCIS

ÉGLOGA

A bela, incomparável Galateia,
A Ninfa, tutelar, glória de Aldeia
O seu Ácis perdido busca aflita:
Corre, examina, geme, chora, e grita:
"Ácis! Ácis! Meu bem! Onde te escondes?
"Eu rouca de chamar-te, e não respondes?
"Se nas margens do rio por ti clamo;
"Mais foge o rio, quanto mais te chamo.
"Se à fonte vou teu nome repetindo,
"Ela vai murmurando, e vai-se rindo.
"Só este monte de me ouvir magoado,

"Se eu te chamo, ele chama, e tu calado!
"Ah meu Ácis! meu bem, se inda tens vida,
"Socorre esta, que é tua, assaz perdida.
"E se aos campos Elísios já partiste,
"Lá verás breve a Galateia triste.
"A ti me há de ligar a morte crua;
Pois tu és a minha alma: eu alma tua.

LAURINDO

Que vozes, ternas vozes tão sentidas
Os montes ferem de aflição nascidas!

GALATEIA

Ah Pastores, que, alegres, divertidos
Cantais ao triste som dos meus gemidos!
Se este pranto vos move à caridade,
Deparai-me o meu Ácis, por piedade.

LAURINDO

A voz é de mulher. que ao longe grita.
Quem pudera valer à triste aflita!
Os duros ecos, que este vale atroam,
Senão me engano, desta encosta soam.
Eu vou por este pedregoso atalho
Ver, se encontro, quem é, ver se lhe valho.

GALATEIA

Ah! Ninguém já responde aos meus clamores?
Já não acho piedade nos Pastores?
Mísera Galateia! A que chegaste,
Depois que amor no coração geraste!
Mas ah! Senão me engana a mata espessa,
Um homem para mim o passo apressa!
É Pastor: quem será? Não vejo tanto,
Pois me escurece a vista o grosso pranto.
Será o meu bom Ácis? Se ele fora,
Uma nova alma eu concebera agora.

Ácis! Ácis! És tu? Responde, fala:
Ou não é ele, ou não me estima, e cala:

LAURINDO

É Pastora; e se não me engana a ideia
Pelo gentil semblante é Galateia.

GALATEIA

Ah! Já vejo: já estou desenganada,
Que o meu Ácis não é. Ó desgraçada!

LAURINDO

Galateia, que tens? Tu, que algum dia
Semeavas os campos de alegria,
Hoje com pranto, e vozes, que enternecem,
Murchas as plantas, que ao teu riso crescem!

GALATEIA

Feliz foi esse tempo; porém hoje
De mim (qual rês ferida) o prazer foge.
Mas dize-me, Laurindo, acaso viste
O meu Ácis, por quem suspiro triste?

LAURINDO

Há dias, que o não vi; mas que motivo
Banha o teu lindo rosto em pranto ativo?

GALATEIA

Eu te mostro a origem, que ao mostrá-la,
No triste peito o coração me estala.
Há três dias... Oh dias de amargura,
Mais negros para mim, que a noite escura!
Quando o Sol ia ver outro Horizonte,
Deixando triste o rio, o vale, o monte,
Meto o fuso na roca, o gado chamo
Para o pobre curral, vem ao reclamo:

Conto as cabeças, falta-me a Ovelhinha,
Que eu estimava mais, que as mais, que eu tinha,
Por brincadora, esperta, e tão malhada,
Que parecia com pincel pintada.
Tinha-me tanto amor, que se eu gemia
Ela então nem brincava, nem comia.
Mas se me via alegre, ou se eu cantava,
Ela ao meu lado de prazer saltava.
Eu aflita a busquei até junto ao Tejo;
Quando na margem o meu Ácis vejo.
Corre a ver-me, e no riso amor explica;
Porém vendo-me aflita, aflito fica.
Pergunta-me a razão: conto o sucesso,
E que procure a minha rês lhe peço.
Ele me diz então com vozes ternas,
Vozes, que esta alma há de guardar eternas:
"Ah! Não chores, meu bem, minha alegria.
"Em cujos olhos brilha a luz do dia!
"Se os encobres com pranto, e magoa enorme,
"Queres, que o dia em noite se transforme?
"Fugiu-te a tua Ovelha: eu ta procuro;
"E por teus lindos olhos eu te juro,
"Que se ela viva está, e eu souber dela,
"Inda que arrisque a vida, hei de trazê-la;
"Mas se baldado for o meu empenho,
"Das minhas escolhe uma, ou quantas tenho,
E com tão terno amor me enxuga o rosto,
Que me leva metade do desgosto.
Quis partir, dava um passo, então parava,
Como que em mim seu coração deixava:
Partiu; e a cada passo... (ó que retiro!)
Voltava para mim, dava um suspiro;
Que o coração pressago lhe dizia,
Que era a última vez, em que me via.
E bem se verifica (oh Céus! Conforto!)
Que não me há de ver mais, porque é já morto.

LAURINDO

Ácis morto! Que dizes, Galateia?
Isso é certo, ou te engana a falsa ideia?

GALATEIA

Eu te exponho a razão, em que me fundo.
Quem viu (oh Deuses) cena igual no Mundo
Ácis partiu: passaram-se dois dias,
Dias de magoas, noites de agonias,
Em cada instante, que ele me tardava,
Mil desgraças a ideia me pintava.
Porém hoje no vale de azinheira,
Junto à ponte da plácida ribeira,
Debaixo de um cipreste levantado,
Cópia de mim, eu vigiava o gado;
Se bem que pouco vigiar podia,
Quem de chorar já quase nada via.
Cansada de lutar com meu tormento,
Meu único, amargoso mantimento,
A afligida cabeça ao tronco encosto,
E sobre a curva mão inclino o rosto.
O sono, que há dois dias meu não era,
Veio piedoso, que antes não viera!
Pois me fez ver em sonho... Oh que desgraça!
A causa desta dor, que me traspassa.
Eu vi... triste visão! Que além da serra,
Por um dos regos da lavrada terra,
Ia o meu Ácis triste, suspirando
Com pronta vista a minha rês buscando;
Outras vezes, olhando para a Aldeia,
Clama saudoso: "Ah minha Galateia!
Quando de entre um pinhal... de o dizer, tremo:
Sai o bárbaro, o monstro Polifemo.
Toma-lhe o passo, e nenhum trilhado estreito
Com dardo agudo lhe traspassa o peito:
Clamando: "Morre, vil, morre, inimigo,
"Que inda mereces mais cruel castigo.

"Chama agora o teu bem, chama a fingida,
"Grita por ela, que te torne a vida.
À violência do golpe, o desgraçado
Solta do peito aflito um ai magoado
Trémulo, curvo, com a mão convulsa
O peito aperta, donde o sangue pulsa:
Quer suster-se, não pode, a força falta:
A mão solta do peito, o sangue salta:
Vai vergando, e caindo: um tronco agarra:
Este se quebra, o fraco pé lhe esbarra;
E sobre um mar de sangue da ferida
Cai exalando a preciosa vida.
Com vista incerta, os olhos vidracentos,
Trémula a voz, sem cor, já sem alentos,
Exclama, enfim, nas mãos da morte feia:
"Valei-me, Céus, adeus ó Galateia.
E soltando um suspiro, os olhos serra:
Ferindo as plantas, magoando a terra.
Oh Deuses! Inda incerta esta desgraça;
É qual farpão, que o peito me traspassa;
E se é certa, mandai, que a dura morte
Sobre mim venha, e descarregue o corte:
Morreu Ácis por mim, por ele eu morra:
Qual do seu, do meu peito o sangue corra:

LAURINDO

Mísera Galateia enxuga o pranto,
Que um sonho falso não provoca a tanto.

GALATEIA

Este sonho, a demora, e Polifemo,
Tudo me assusta, e a desgraça temo.

LAURINDO

O sonho intimidar-me não devia
Por ser falsa ilusão da fantasia.
Do Pastor a demora, que te assusta,

Também pode nascer de causa justa.
Se temes Polifemo, o susto afasta:
Comigo vive, eu nunca o deixo, e basta.
E desde que o domei por teu respeito,
Tudo que eu mando, que ele faça, é feito.
Piza, pisa, a teus pés essa agonia:
Faze, que a fonte com teu riso ria.

GALATEIA

Tu destróis em parte o meu desgosto;
Mas não conseguis ver-me enxuto o rosto:
Não: fazer que esta seta não me fira,
Só pode o meu Pastor. Ah! Quem o vira!
Só podem os seus olhos engraçados
Dar vista aos meus já cegos, e cansados.
Mas temendo o rancor de Polifemo,
As próprias sombras dessas plantas temo.

LAURINDO

Do triste Polifemo o rancor deixa:
Tu foste a causa, e só de ti te queixa.

GALATEIA

A causa fui! Eu sou fera empestada,
Que fizesse aquela alma envenenada?

LAURINDO

A causa foste, sim, porque o amaste,
E por Ácis, sem culpa, o desprezaste.

GALATEIA

Pelos Deuses do Olimpo Soberano
Juro que nunca amei tal monstro insano.

LAURINDO

Pois se é certo, que amor não lhe tiveste,
Por que falsas promessas lhe fizeste?

GALATEIA

Porque assim o meu Ácis defendia
Da vingança, que o vil lhe prometia.

LAURINDO

Ah! Pois quis com violência... (que loucura!)
Gerar amor, que nasce da ternura!

GALATEIA

Sim, com rigor queria, que o amasse,
E que o meu peito ao meu Pastor fechasse.
Clamando irado assim: "Cruel Pastora,
"Tu desprezas soberba, a quem te adora?
"És toda do teu Ácis? Pois discorre,
"Que ou tu hás de ser minha, ou Ácis morre.
"Dize, resolve já, ou vou matá-lo;
"E o coração aos olhos teus mostrará-lo.
Eu ante o monstro vil de crueldade,
Que não cede à razão, nem à piedade,
Rogo-lhe compaixão: não se enternece:
Choro humilde a seus pés: mais se embravece.
Eu delirava neste lance forte
De dar ao triste a vida, ou dar-lhe a morte.
Ácis morrer por mim, sendo inocente!
Não, por livrá-lo fiz-me delinquente.
Com o tirano usei de ideias novas
Para dar-lhe de amor fingidas provas;
Mas o meu firme peito era impossível,
Que abrisse a porta aquele bruto horrível.
Se nisto te agravei, Ácis desculpa;
Se eu delinquente fui, foi tua a culpa.

LAURINDO

Não chores, virtuosa Galateia:
De ti fazia mui diversa ideia;
Bem que eu não sigo as línguas venenosas,

Que as mulheres só tratam de aleivosas:
Sei, que muitas o são, sim, não duvido,
Pelos casos, que vejo, e tenho ouvido;
Mas contem-se as traições delas, e deles,
Se acharem nelas mil, há dez mil neles.
Tu, exemplar Pastora, mostrar queres,
Que és a glória, o modelo das mulheres:
Que os falsos homens podes doutriná-los;
E com teu mesmo exemplo envergonhá-los.
Vai-te em paz, vai guardar teu manso gado:
Do teu Ácis feliz dá-me o cuidado,
Que eu irei procurá-lo: em mim confia,
Que hei de tornar-te a noite em claro dia.

GALATEIA

Ah piedoso Laurindo! Se tal fazes,
A um corpo morto nova vida trazes.

ÁCIS

Que triste vejo a serra, o vale, o monte!
O rio pasma, corre turva a fonte.
Sim, sem a minha amável Galateia
A clara luz do Sol é triste, e feia.
Mas onde te acharei, gentil Pastora,
Para clamar então: já vejo a Aurora!
Aves, tornais o canto em agonia
Por que vos falta a Mestra de harmonia?
O Céu com ela adoce o meu tormento,
Tereis nova lição, e eu novo alento,
Mas ah! Que vejo! Que gentil Pastora?
Parece Galateia! Oh feliz hora!
Não, não me enganes, lisonjeira ideia.
Na altura... em traje... em gesto... é Galateia,
Que está banhando em pranto o lindo rosto:
Eu corro, eu vou tornar-lhe a magoa em gosto.

GALATEIA

Ácis, se és vivo, sorte igual não tive.

ÁCIS

Inda o teu Ácis dos teus olhos vive.

GALATEIA

Ah! Que vejo! Ácis! Céus! Será mentira?

ÁCIS

É verdade; o teu Ácis sou: respira.

GALATEIA

Oh Providentes Céus! Deuses Clementes,
Que assim curais as chagas dos viventes.

ÁCIS

Tu choras! É de gosto, ou de agonia?

GALATEIA

Chorei de magoa, agora de alegria.

ÁCIS

Tu choravas por mim! Mereço eu tanto?

GALATEIA

Vê bem o estrago, que em mim fez o pranto.
Estes olhos, que tu chamavas belos,
Hoje magoados fugirás de vê-los.

ÁCIS

Assim mesmo são dois lindos diamantes,
Que inda eclipsados, sempre são brilhantes.
Mas dize, Galateia, que motivo
Acendeu esse fogo, tão ativo?

GALATEIA

A ausência de três dias (longos dias!)
De lágrimas, de sustos, de agonias;
E mais que tudo um sonho feio, horrível,
Que o não matar-me, não parece crível:
Sonho cruel, que me pintou na ideia
A desgraça maior, cena mais feia:
Que o monstro Polifemo te arrancara
A amável vida, que esta vida ampara.

ÁCIS

E credito lhe deste, sendo esperta?

GALATEIA

Sim, que a má nova quase sempre é certa.

LAURINDO

Se eu não corro a tirá-la da vereda,
Nalgum despenhadeiro achava a queda.

GALATEIA

Laurindo nos meus males tomou parte,
E até por paixão quis ir buscar-te.

ÁCIS

Bom amigo, e bom Mestre, as sãs doutrinas
Tu com virtuoso exemplo, nos ensinas:
Tu semeias os campos de equidade,
Nós colhemos os frutos da piedade.

LAURINDO

Huns para os outros sermos bons devemos:
Todos somos irmãos: de um Pai nascemos:
Se um errar, deve o outro encaminhá-lo:
Se um cair, deve o outro levantá-lo.

GALATEIA

Perdoa, que eu atalhe o teu conselho,
Próprio de um Sábio, Virtuoso, e velho.
Dize, meu Ácis, dize, por clemência,
Qual foi a causa de tão longa ausência?

ÁCIS

Foste tu: foi o amor, e foi o empenho
De trazer-te a Ovelhinha, a qual já tenho.
Ao casal ta levei; mas sem achar-te;
Pois vieste a buscar-me, eu vim buscar-te.

GALATEIA

Achaste a minha Ovelha! Ah! Onde estava?
Bem que eu por ti nem dela, me lembrava.

ÁCIS

Vizinhos campos, as distantes terras,
Amenos vales, escabrosas serras,
Tudo corri: examinei choupanas,
Pobres Aldeias, rusticas cabanas.
Perguntei aos campinos, Lavradores:
Rebanhos espreitei: busco aos Pastores:
Todos dizem: "Não vimos, não sabemos:
"Nem leve rasto dessa Ovelha temos.
Eu de perdê-la já desenganado,
De magoa aflito, de buscar cansado,
Voltar queria a ver teu lindo rosto;
Mas dava gosto a mim, e a ti desgosto:
Eu a dor da saudade em mim curava;
Mas na má nova, nova dor te dava.
Nisto pensava triste, e vacilante,
Quando escuto berrar pouco distante,
Parto, giro, procuro, em vão procuro:
Pois nada vejo: vejo um bosque escuro,
Que o Sol formoso nunca viu por dentro:
Corro, o bosque examino; e lá no centro

Vejo um pobre roupeiro esfrangalhado,
Dormindo, e a Ovelhinha preza ao lado.
Eu, que a vejo, e conheço, ó que alegria
Em teu obsequio a minha alma enchia!
Com lentos passos vou muito manso andando,
O sussurro das plantas receando,
Se bem que o vento amigo me valia;
Pois nem das folhas o brincar se ouvia.
Chego ao ladrão: observo, que em sossego
Dorme roncando: na Ovelhinha pego:
Sobre os ombros a ponho, e vim fugindo,
Do furto alegre, de alegria rindo.
Trepando uma deserta ribanceira,
Ouço um grito, olho a traz, vejo à carreira
Seguindo-me a gritar o vil roupeiro:
"Ó ladrão! Larga a Ovelha! Ó ratoneiro!
Eu, que vejo o meu crédito infamado,
Paro, e com ira mostro-lhe o cajado.
Prudente parto: segue-me as pisadas:
Torço a vereda, corre-me às pedradas.
Delas me afasto; e por final projeto.
Na leve funda grossa pedra meto.
Agito a funda: corro então mais perto:
Disparo a pedra, no vil peito acerto.
Fica o ladrão sem tino: quer suste-se:
Não pode: cai: forceja para erguer-se:
Outra vez cai de costas: vai rolando:
Pega-se às pedras, mas em vão pegando,
Que as mesmas pedras, em que busca abrigo
Rolam sobre ele por maior castigo;
E despenhado assim pela barreira
Vai até parar na margem da ribeira.

GALATEIA

Ah! Que dizes! Mataste o desgraçado?

ÁCIS

Não ficou morto, não, mas maltratado,
Eu vi... com quanta dor o estive vendo!
Caio mortal; depois se ergueu gemendo.
Olhou-me então com iras, e ameaços;
E trémulo partiu com lentos passos.

GALATEIA

Tu, que es no coração manso cordeiro.
Hoje tornado em lobo carniceiro!

ÁCIS

Eu cordeiro não sou; porém se o fora
Tornar-me em lobo foi preciso agora.

LAURINDO

Castiga-nos o Céu, se nos vingamos;
Mas também quer, que a vida defendamos.

ÁCIS

Se mais piedade do ladrão eu tinha,
Nem eu era já teu, nem tu já minha.

GALATEIA

Se a amável vida o ímpio te roubava,
Nenhuma só morte duas mortes dava.

ÁCIS

Esses extremos no meu peito os guardo
Para atear de amor o fogo, em que ardo.
Vamos, vamos, formosa Galateia,
Alegrar com teu rosto a triste Aldeia:
A Aldeia, que por ti chorava agora,
Qual bom Filho, que a Mãe perdida chora.

GALATEIA

Chora a Pátria, por mim? Quanta amizade

Devo aos bons, que se nutrem da piedade!

LAURINDO

És bela, e inda mais bela por virtuosa;
Que a virtude inda a feia faz formosa.
Porém vê, que a Virtude cultivada,
Cresce, bem como a planta, que é regada;
Mas se falta a cultura, vai murchando;
E qual planta sem água vai secando.
Ide: a bênção do Céu sobre vós desça:
Aos vossos olhos branda relva cresça;
E nela apascenteis grossas manadas
De prenhes vacas gordas, e malhadas.
Tantas as cabras, tantos os cordeiros,
Que encham os vales, encham os outeiros.
Ide, que é longe a Aldeia: ide, que é tarde:
O Céu vos abençoe, o Céu vos guarde.
A bênção gere em vós dois bons Esposos,
Que frutos deem ao Céu, frutos ditosos.

ÁCIS

Adeus, meu bom Pastor, meu caro amigo,
Glória dos campos, deste povo abrigo.

GALATEIA

Essa bênção do Céu, que em nós desejas,
Sobre tudo, que é teu, sobre ti vejas.
Ácis, vamos aqui pelo serrado,
Que é mais perto, é mais doce, e é povoado.

ÁCIS

Vamos cortando por entre estas faias:
Dá cá a mão: salta o rego: olha, não caias.
Tu saltas mais, do que eu: és bem ligeira!

GALATEIA

Se eu quiser não me apanhas na carreira.

Que farão hoje ao ver-me de contentes
As amigas, vizinhos, e os parentes,
Que ao verem-me vagar só sem conforto
Julgar-me-ão morta, por julgar-te morto?

ÁCIS

Se o bem nos foge, atea-se o desgosto:
Torna o bem, morre o mal, renasce o gosto.
Tu verás nas Pastoras desgrenhadas
Olhos feridos, faces desmaiadas.
E ao ver-te, o riso, e pranto misturando,
Umas às outras com prazer chamando:
Todas para te verem correm, voam:
Vivas, aplausos pelos ares soam.
Uma te beija a face alva, e rosada,
Que a faz com pranto seu rosa orvalhada.
Outra te enfeita as tranças graciosas
De mirto, e cravo, de jasmims, e rosas.
Verás, que ao som das liras vem cantar-te
A magoa de perder-te, o bem de achar-te.
Verás, como os chorosos inocentes,
Quando te virem, brincaram contentes.
Verás a fonte, que turbada a vejo,
Corre alegre a dar a nova ao Tejo.
Verás o Tejo, que sem ti bramia,
Quão plácido vem ver-te à praia fria.
Verás o Melro, o Rouxinol suave
Convertendo a tristeza em canto grave.
Verás saltando os tenros Cabritinhos
Alegrarem os tristes Cordeirinhos,
Verás curvar-se o tronco a dar-te as frutas;
Correr o rio, vir trazer-te as trutas.
Hoje farás feliz, farás contente
A Aldeia, o rio, a fonte, o gado, a gente.

GALATEIA

Feliz me fazes tu: viver me fazes:

Aos meus bons dias novos dias trazes.

ÁCIS

Como posso eu fazer a alguém ditoso,
Quando só por ser teu, sou venturoso?
Sem ti rustico sou, humilde, e pobre:
Contigo sábio sou, sou rico, e nobre.

GALATEIA

Demos graças a Amor: Amor cantemos,
Que assim nos tece a Santa paz, que temos.

ÁCIS

Sim, cantemos Amor: a voz levanta,
A voz sonora, com que Amor encanta.

GALATEIA

Amor me fez guerra:
Lutamos, venceu-me;
O peito rompeu-me
Para Ácis entrar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

ÁCIS

Amor nos tens olhos
Forjou doce flecha:
Feriu-me: esta brecha
Tu sabes curar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

GALATEIA

Ao ver-me ferida,
Primeiro assustei-me,
Depois alegrei-me,
Amor fui cantar.
Tais laços, tais setas

Devemos beijar.

ÁCIS

Eu pude da seta
Salvar o meu peito;
Não quis: pus-me a jeito,
Deixei-a entranhar.
Tais laços, tais setas
Devemos Beijar.

GALATEIA

Depois de ferir-me
Mostrou-me as algemas;
E diz-me; "Não temas
"Quando eu tas lançar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

ÁCIS

Ferir-me, prender-me
Não era preciso,
Bastava um teu riso:
Um teu brando olhar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

GALATEIA

Amor, abre as azas
Vem, prende estes braços,
Que os teus doces laços
Não hei de quebrar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

ÁCIS

Sou prezo por gosto,
Por honra cativo:

Por prezo é que vivo,
Qual peixe no mar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

GALATEIA

Amor, chama as Graças,
E o Santo Himeneu!
Que venham do Céu
Meu laço apertar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

ÁCIS

Tu chamas as Graças?
Não clames por elas;
Pois Graças mais belas
Em ti venho achar.
Tais laços, tais setas
Devemos beijar.

GALATEIA

Basta: cansada vou: mais não cantemos:
Logo melhor na Aldeia cantaremos.

ÁCIS

Pois vai tu pela encosta desse monte,
Que a lira vou buscar: lá saio à fonte.

GALATEIA

Não te demores lá, minha alegria.

ÁCIS

Já volto a ver-te, minha luz do dia.

GALATEIA

Levas-me a vida, a joia mais perfeita.

ÁCIS

Em penhor dessa vida esta alma aceita.

GALATEIA

Em penhor! Queres pois, que a restitua?

ÁCIS

Não; se essa vida é minha, esta alma é tua.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com